

---

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---



Isabor Quintiere (2020) | Imagem: [Paraíba Criativa](#)

## Nascido para virar filme – Resenha de *São Amaranto*, de Isabor Quintiere

### Margarida Maria Dias de Oliveira (UFRN)

**Resumo:** *São Amaranto*, de Isabor Quintiere, narra a busca de Desidério por justiça ao denunciar atrocidades em seu país fictício. O livro questiona a existência de São Amaranto, explorando memória e identidade. Aspectos negativos: desigualdade na divisão dos capítulos. Pontos positivos: narrativa envolvente e reflexão política profunda.

**Palavras-chave:** memória; romance; ditadura; realismo fantástico; identidade.

*São Amaranto*, romance de autoria de Isabor Quintiere, conta a história de um cidadão amarantino que viaja ao Brasil em 1977 com o objetivo de denunciar as atrocidades

cometidas pelo ditador que governa o seu país. Ao chegar a Manaus, descobre, desolado, que sua pátria não existe, e a narrativa se inicia, desenvolvendo-se em 139 páginas.



Isabor Quintiere cursou Letras - Inglês e mestrado em Letras na Universidade Federal da Paraíba, no campus I, em João Pessoa, cidade onde nasceu. Publicou o livro *A cor humana* (2018), com contos, e, em 2023, lançou *Rituália. São Amaranto*, seu romance, foi publicado em livro físico em 2025, após lançamento no meio digital em 2024. No currículo de Quintiere, consta ainda a referência como roteirista de histórias em quadrinhos, com *Jogo de Sombras* (2021).

Dividido em três partes: Ritos de despedida (Parte I, com 5 capítulos); Cadernos do Desaparecimento (segunda, com 17); e Voltas do descaminho (terceira, composta por 3), o romance desenvolve três momentos fundamentais da vida de Desidério, personagem principal, e seu núcleo familiar.

O percurso da narrativa do livro mistura três tempos diferenciados: as memórias da infância e juventude, a vida logo após a chegada ao Brasil e a maturidade do personagem. Em todas elas, a dúvida está presente, pois, assim como o personagem, questionamos a existência de São Amaranto.

Na Parte I, o personagem está em São Amaranto, vivendo a dor, junto com seus irmãos, da morte do seu avô Domênico e preparando a viagem para o Brasil. Relata ainda a viagem e sua chegada ao país. Nesta passagem, a autora narra o episódio traumático e desencadeador da narrativa, que foi a morte do ente querido, e as referências imediatas ao núcleo familiar: os preparativos para a viagem e os momentos posteriores à chegada, como a vida em Manaus/AM, a descoberta da inexistência de São Amaranto na geografia dos mapas e a falta de informação das pessoas sobre o país.

Na Parte II, desenvolve-se o longo périplo por Manaus, Pernambuco, Paraíba e sua vida em diferentes momentos – a prisão, as primeiras ajudas, o emprego como jardineiro para o qual estudou em revistas –, a relação com a memória das suas patroas e a pesquisa frenética na Biblioteca. As situações desiguais, como a prisão por contar sua história e, por isso, ser vigiado pela ditadura brasileira, contrastam com uma vida quase normal, com emprego e profissões durante cerca de trinta anos.

Na Parte III, Desidério é um idoso vivendo como pode na cidade de Solânea, na Paraíba. Nos três últimos capítulos, novos lances dessa vida extraordinária acontecem. Não é permitido a um resenhista tirar toda a beleza da leitura e, portanto, não anteciparei o final. Vocês duvidam da singularidade de “perder” um país?

A desigualdade na divisão dos capítulos é inversamente proporcional à constância da qualidade das narrativas de cada um. Capítulos curtos e potentes não cansam a leitura; ao contrário, apaixonam o leitor nas discussões sobre memória, regimes de governo, política e o que é considerado são ou não em nossas sociedades. A pergunta constante para o protagonista e para o leitor é se existe o país de São Amaranto – com mapa em formato de peixe, seus líderes, seus heróis e suas histórias contadas, ou se tudo isso não passa de narrativa criada pela imaginação doente de Desidério. Essa proposta nos lembra o que Gabriel García Márquez (2004) afirma em sua autobiografia: a vida não é o que vivemos, mas o que lembramos para contar, bem como as reflexões de Ecléa Bosí (2006), que diz que memória é trabalho, ou seja, esforço de reconstrução.

A autora, das melhores na tradição do realismo fantástico – à qual pertencem Gabriel García Márquez e o brasileiro Jorge Amado – construiu uma história empolgante, com reviravoltas marcantes e nada óbvia, que fomenta a discussão sobre o que se lembra, por quê e como se rememora, além do papel do trauma e das dores guardadas.

E, ao falar em trauma, memória e história, por isso, ao ler esta obra e acompanhar as repercussões, prêmios e críticas ao filme “O Agente Secreto”, dirigido por Kléber Mendonça e protagonizado por Wagner Moura, defendo a viabilidade de sua transformação em filme. O enfrentamento do passado, seja individual, como defende a psicanálise, ou coletivo, como afirmam Dominick Lacapra (2023) e Aleida Assmann (2011), tem o potencial de nos revigorar para a ação. Qual sociedade humana não necessita de ações para promover mudanças visando a melhoria da maioria?

Na ressaca da vitória do filme *O agente secreto* no Globo de Ouro, nos Estados Unidos, tendo acabado a leitura, nada é mais lógico que ele se tornar um filme dirigido por Kléber Mendonça. A grandiosidade brasileira percorre muitos países e estados, com cenas em Recife e em Solânea, na Paraíba. Apresenta a pluralidade latino-americana, repleta de experiências, como a beleza extraordinária do cotidiano, a tristeza do autoritarismo sempre revivido, a beleza da coerência dos que lutam pelo respeito ao próximo e a magnitude das relações de amizade e do amor, seja pelos familiares de sangue ou de coração.

Ainda existe a complexidade das relações e sentimentos humanos. A prisão de Desidério por contar sua história, a convivência dele com outro preso, sua rebelião contra a tortura e as escolhas para se relacionar com os habitantes de Solânea são primorosas para fazer refletir sobre como resistência e força; fragilidade, adaptação e reinvenção são práticas humanas cotidianas e, diariamente, demonstramos a capacidade humana de conduzir, segundo nossas possibilidades, a reinvenção de nossas vidas e, por meio delas, de nossa cultura.

É um livro para degustar cada linha e parágrafo, rir em muitos, chorar em tantos outros, retomar a reflexão sobre cada uma de nossas ações e pensar: São Amaranto está no Brasil ou o Brasil está em Amaranto? Ou nossos lugares de vivência concentram todas as experiências humanas? Não deixe de ler e responder: São Amaranto existe?

---

### Referências:

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação - formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LACAPRA, Dominick. *Compreender outros*. Povos, animais, passados. Belo Horizonte: Autêntica. 2023.

MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Viver para contar*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

---

## Resenhista



Margarida Maria Dias de Oliveira é doutora em História, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Publicou, entre outros trabalhos, [Dicionário do Ensino de História](#) (2020), em coautoria com Marieta e Morais Ferreira, e [Formação dos professores de História: os desafios de uma profissão em processo de reinvenção](#). ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5565266295414497>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8542-4173>; E-mail: [margaridahistoria@yahoo.com.br](mailto:margaridahistoria@yahoo.com.br).

---

## Para citar esta resenha

QUINTIERE, Isabor. *São Amaranço*. João Pessoa: Escaleras, 152 p. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Nascido para virar filme. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 28, p. 37-40, mar./abr., 2026.

---

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).